



PAIS DE FAMÍLIAS ORIGINAIS E DE FAMÍLIAS SEPARADAS: UM ESTUDO COMPARATIVO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E DO RELACIONAMENTO COM OS FILHOS

**Sílvia Cristiane Murari*

***Carmen Garcia de Almeida*

RESUMO

As profundas transformações que a instituição família vem sofrendo ao longo dos anos são analisadas no presente trabalho. Em função destas mudanças, dificuldades são experimentadas pelos pais em seu papel de educadores. Com o objetivo de investigar aspectos do relacionamento familiar e algumas práticas utilizadas na educação dos filhos, foi realizada uma pesquisa com 145 pais de famílias originais (FO) e 49 de famílias separadas (FS). Para a coleta de dados foram utilizados 2 questionários, um para FO, contendo 16 questões, e um para FS contendo 18 questões. A análise dos dados mostrou semelhanças nos resultados obtidos pelos pais nas duas condições, sendo o diálogo a estratégia mais utilizada, tanto por pais FO quanto FS, para resolução de problemas. Embora pareçam existir investimentos por parte dos pais, o que pode facilitar a comunicação com os filhos também, parece faltarem conhecimento e habilidades para uma análise efetiva das estratégias por eles selecionadas. Finalmente, é necessário que a sociedade seja informada sobre o campo de atuação e possibilidades da Psicologia, ao mesmo tempo em que tenha acesso aos conhecimentos produzidos pela análise do comportamento.

PALAVRAS-CHAVE: Separação Conjugal; Relacionamento Pais-Filhos; Práticas Educativas; Família.

ABSTRACT

The deep changes the family institution has been going through along the years are analyzed in the present article. Due to such changes, difficulties are faced by parents on their role as educators. Aiming at investigating aspects of the family relationship and some practices employed in the upbringing of children, a survey was carried out with 145 parents in original families (OF) and 49 parents in divorced

* Psicóloga. Docente da Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Psicologia.

** Docente da UniFil.

Doutora em Psicologia.

E-mail: carmen@sercomtel.com.br

families (DF). In order to gather data, two question forms were used: one for OF, with 16 questions, and another with 18 questions for DF. The data analysis showed similarities in the results on what concerned the parents in both situations: the dialogue is the most employed strategy by both OF and DF parents in order to solve problems. Although there seems to exist investments by parents, which may facilitate communication with children, parents seem to lack knowledge and abilities for an efficient analysis of the two strategies selected by them. Finally, it's necessary that society be informed about the possibilities and field of action of Psychology and, at the same time, have access to the knowledge produced by the behavior analysis.

KEY-WORDS: Divorce; Parents-Children Relationship; Educational Practices; Family.

1 - INTRODUÇÃO

A família é o conjunto das relações entre seus membros através dos tempos, considerando-se as influências socioculturais de cada época histórica, incluindo questões referentes aos valores, à educação e ao papel do homem na sociedade, que delineiam as relações familiares de diferentes maneiras. Assim, as profundas transformações sociais que a instituição família vem sofrendo ao longo dos tempos têm sido alvo de investigação em diferentes áreas do conhecimento.

Segundo MORAES (1997), todas as mudanças, sejam elas pessoais ou sociais, geram novas contingências e isso, por sua vez, pode gerar conflitos. O questionamento dos modelos tradicionais de família, herdados das gerações de nossos antepassados, o aparecimento de novas teorias de educação e a socialização do conhecimento referente ao desenvolvimento psico-sócio-afetivo humano caracterizam, por assim dizer, as novas contingências, e os conflitos caracterizam-se pelo não saber “o que” e “como” melhorar a educação dos filhos. WAGNER e cols. (1998) ressaltam que as práticas educativas utilizadas pelos pais no processo de instrução e educação dos filhos implicam diretamente na determinação das características comportamentais, sendo a disciplina familiar um processo fundamental na socialização destes últimos.

Na tentativa de melhorar a educação dos filhos, os pais procuram, nas fontes de conhecimento disponíveis, estratégias a serem seguidas. Livrarias, revistas, TV estão inundadas com materiais que explicitam os estágios de desenvolvimento e os passos de como agir. Muitas vezes essas informações acabam por comprometer as soluções, mantendo uma prática de seguimento de regras que, na maioria das vezes, retrata o fracasso dos pais na construção de práticas educativas. Dos estágios de desenvolvimento humano, o que parece receber

maior atenção, por causar maior dificuldade de compreensão por parte dos pais, é o da adolescência. Na opinião de ZAGURY (1991), os pais modernos disponibilizam informações diversificadas, mesmo que de forma leiga ou não especializada. O importante, contudo, é saber como estão usando essas informações. Eles precisam entender as estratégias selecionadas, e não simplesmente segui-las por estarem em um livro. Entendê-las significa responder discriminativamente aos comportamentos que afetam o comportamento dos outros, gerando conseqüências que, por sua vez, voltam a afetar seus próprios comportamentos. Este processo é complexo, mas, por outro lado, é objetivo, evitando as explicações do tipo “não tem jeito mesmo, isso faz parte da sua natureza”, “puxou ao pai, ou ao avô, ou à tia ...”, que dificilmente levam a mudanças eficazes. SKINNER (1985) já advertia que, se considerarmos os traços comportamentais como inatos, simplesmente emergindo em determinada fase, não há quase nada a se fazer; mas se sua presença puder ser atribuída a aspectos especiais do mundo, os problemas seriam mais fáceis de serem resolvidos.

Tomando por base as informações disponibilizadas, os pais podem construir regras que não são funcionais no estabelecimento das relações familiares. Segundo FÉRES-CARNEIRO (1992), as regras familiares são uma importante variável no funcionamento da família, desde que sejam coerentes, flexíveis e explicitamente discutidas, facilitando assim o desenvolvimento emocional saudável de seus membros. Desta forma, o contexto familiar influenciado por contextos culturais é mantenedor e modificador de comportamentos, quer sejam estes adequados ou não (ROCHA e BRANDÃO, 1997).

Ao enfatizar as relações familiares como fator importante da interação pais-filhos e do processo educacional, automaticamente surgem considerações com relação às diferenças entre famílias originais e famílias separadas. Estas últimas são muitas vezes consideradas como um contexto diferenciado responsável por desajustes no desenvolvimento dos filhos que nela se desenvolvem. Vimos, assim, a separação conjugal como a grande vilã dos problemas dos filhos (TASCHANN 1989; TEYBER e HOFFMAN, 1987; GIUSTI, 1987).

EMERY (1988) afirma, entretanto, que, apesar da separação estar associada a conseqüências negativas para os filhos, aqueles que apresentam problemas não são necessariamente filhos de famílias separadas (*apud* AMATO e KEITH, 1999). Atualmente, vem sendo combatida a percepção usual de que, em lares desfeitos, pais e filhos apresentam mais problemas do que em lares originais. Deste modo, o trabalho objetiva verificar a percepção de pais de Famílias Originais e Famílias Separadas quanto ao relacionamento com filhos, bem como a utilização de algumas práticas educativas. Os dados serão comparados e, então, será verificado se há diferenças nas condutas dos dois tipos de pais com relação a seus filhos.

2 - Metodologia

O início da pesquisa deu-se a partir de uma lista de escolas públicas e particulares cedida pelo Núcleo Regional de Ensino de Londrina. Desta, realizou-se o sorteio de duas escolas, uma particular e uma pública, que foram consultadas sobre o interesse e a possibilidade de realização da pesquisa na instituição. A população foi contatada pelas escolas através dos filhos estudantes.

O universo pesquisado consistiu de 145 pais, sendo 96 de famílias originais e 49 de famílias separadas. Famílias originais (FO) foram consideradas aquelas que mantêm o 1º casamento, coabitando em domicílio conjugal, na companhia dos filhos. Famílias separadas (FS) foram consideradas aquelas cujos pais estavam separados de seus cônjuges por um período mínimo de 6 meses e que mantêm a guarda dos filhos.

Para a coleta dos dados foram utilizados dois questionários, um para FO, contendo 16 questões, e um para FS, contendo 18 questões. Ambos os questionários foram compostos de questões fechadas de múltipla escolha, que abordavam aspectos do relacionamento familiar e de algumas práticas utilizadas na educação de filhos.

3 - Resultados

A análise dos dados foi realizada a partir do levantamento e comparação das porcentagens das respostas dos sujeitos com relação a cada variável do estudo, apresentadas nas figuras que seguem.

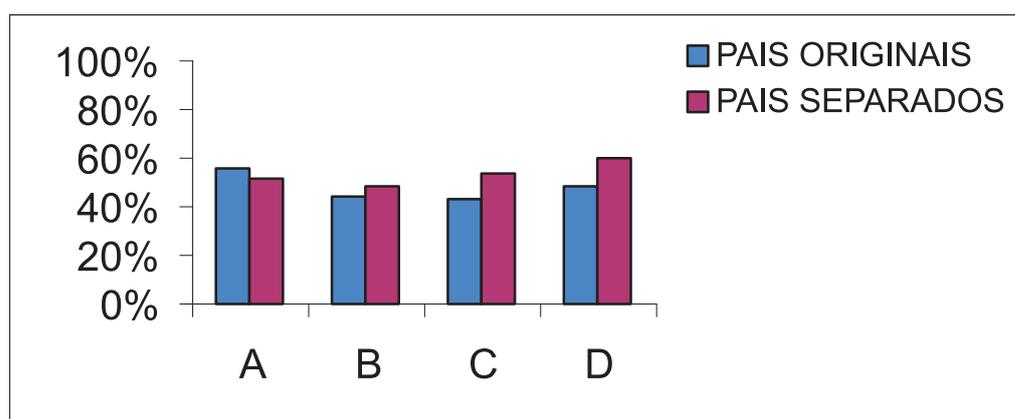


Figura 1: Como é o relacionamento com seu filho?

- A. Estou satisfeito com a forma como conversamos.
- B. Consigo expressar todos os meus sentimentos.
- C. Eles percebem o que estou sentindo mesmo que eu não fale.
- D. Quando estou com dificuldades posso, contá-las a ele.

Os dados da Figura 1 mostram que 56% de pais FO e 52% de pais FS estão satisfeitos com a forma com que conversam com seus filhos. Quanto à expressão de sentimentos tem-se que 44% de pais FO e 48% de pais FS afirmaram conseguir expressá-los a seus filhos. Os dados que seguem, 43,2% de pais FO e 54% de pais FS, relativos à percepção do comportamento dos filhos sobre seus problemas, mesmo que isso não seja verbalizado, demonstram que a porcentagem apresentada pelos pais FS é maior que a dos pais FO. A figura mostra ainda que 48,4% de pais FO e 60% de pais FS podem compartilhar suas dificuldades com os filhos.

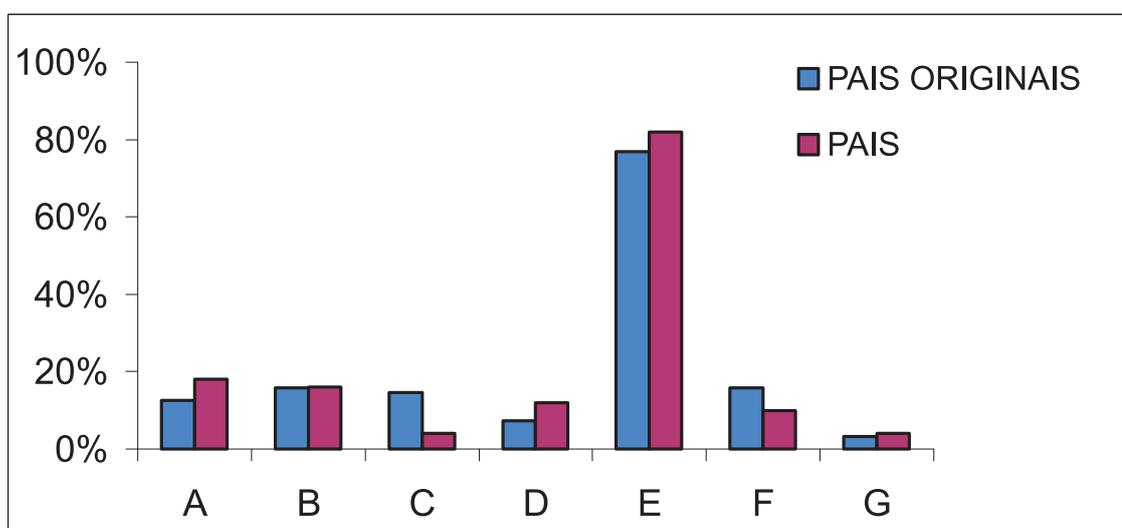


Figura 2: Estratégias utilizadas na busca de soluções de problemas com os filhos:

- A. Busco ajuda e conselho com amigos.
- B. Busco ajuda com religiosos (grupos, pastores, padres).
- C. Busco ajuda e conselho com médicos.
- D. Busco ajuda e conselho com psicólogos.
- E. Diálogo com meu filho.
- F. Busco resolver as dificuldades através de palestras ou revistas.
- G. Deixo para que o tempo resolva.

Na Figura 2, é possível observar semelhanças nas estratégias utilizadas por pais FO e FS, com pequenas diferenças nos índices percentuais. A estratégia mais utilizada tanto por pais FS (82%) quanto por pais FO (76,8%) é o diálogo com o filho. Pais FS (18%) recorrem mais aos amigos para auxiliá-los nos problemas com seus filhos do que pais FO (12%). Buscar ajuda junto a religiosos obteve um índice de respostas praticamente igual entre as duas categorias (15,8% de FO e 16% de FS). No que diz respeito à busca de

ajuda junto a psicólogos e médicos, é interessante notar a inversão de porcentagens: 14,7% de pais FO e 4% de FS buscam ajuda junto a médicos. Quando investigados sobre a busca de ajuda junto a psicólogos, os dados mostram que isso ocorre com 7,4% de pais FO e com 12% de pais FS. Este dado parece refletir um estigma criado, e estabelecido, em nossa cultura, tanto em relação a filhos de pais separados quanto à profissão de psicólogo. Pais FO (15,8%) e FS (10%) recorrem ainda a palestras e revistas. Os resultados obtidos com relação à estratégia *Deixo para que o tempo resolva* são bastante otimistas (3,2% de pais FO e 4% de FS), pois indicam que os pais, mesmo diante de dificuldades, estão buscando alternativas para resolvê-las.

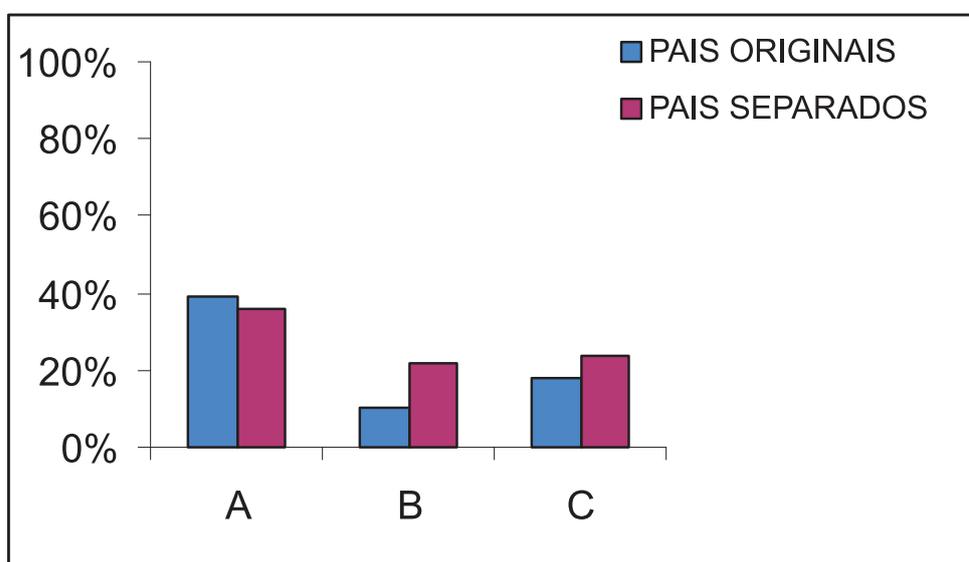


Figura 3: Comportamentos adotados para que o filho cumpra ordens:

- A. Transmito a ordem de maneira calma, segura e sem gritos.
- B. Estabeleço uma relação de troca: se a ordem é cumprida, recebe uma recompensa.
- C. Estabeleço uma relação de troca: se a ordem não é cumprida, puno de alguma maneira.

Com relação aos comportamentos dos pais, que se mostram eficientes em fazer com que seu filho cumpra uma ordem, tem-se que 38,9% de pais FO e 36% de pais FS relataram ser o transmitir a ordem de maneira calma segura e sem gritos. A relação de troca aparece em ambas as configurações como possibilidade de ação, sendo que 10,5% de pais FO e 22% de FS recompensam o filho pelo cumprimento de uma ordem, enquanto que 17,9% de pais FO e 24% de FS punem quando a ordem não é cumprida. Nota-se que os índices de FS são sem-

pre superiores aos de FO.

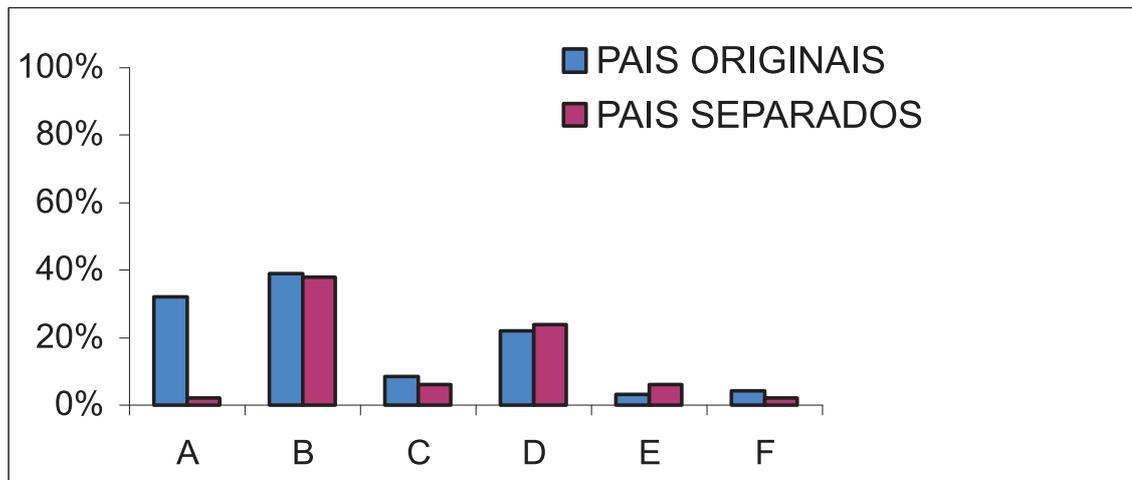


Figura 4: Comportamentos adotados quando o filho não cumpre a ordem:

A. Bato.

B. Impeço que faça alguma coisa de que goste, como ir ao cinema, ao shopping, assistir TV.

C. Brigo, utilizando agressões verbais.

D. Ameaço punir.

E. Faço *chantagem* emocional.

F. Não faço nada.

A Figura 4 mostra a percentagem de comportamentos punitivos utilizados por pais quando seu filho não cumpre uma ordem. Os índices percentuais de respostas entre pais FO e FS são bastante próximos. Os dados que se destacam mostram que 38,9% de pais FO e 38% de FS afirmam impedir o filho de realizar alguma coisa de que goste, enquanto que, 22,1% e 24% respectivamente, apenas ameaçam punir. As agressões verbais estão presentes em 8,4% das respostas de pais FO e em 6% das dos pais FS. Agressões físicas, como bater, é a segunda opção mais utilizada por pais FO (32,2%) e a menos utilizada por pais FS (2%). A opção menos utilizada por pais FO (3,2%) refere-se à chantagem emocional, sendo que 6% de pais FS assinalaram esta opção. Apenas 4,2% de pais FO e 2% de FS não fazem nada quando seu filho não cumpre as ordens estabelecidas.

4 – Discussão e Conclusões

A análise dos resultados permitiu levantar algumas questões importantes no que diz respeito ao relacionamento entre pais e filhos, tanto em famílias originais quanto separadas. O aspecto que merece maior destaque, de maneira geral, é a semelhança nos resultados obtidos nas duas condições. Esta constatação, ao mesmo tempo em que aponta para uma desmistificação quanto ao relacionamento em famílias separadas, caracterizado muitas vezes como problemático, pode vir a possibilitar a compreensão das interações, na medida em que pode contribuir para que estas se estabeleçam de forma mais positiva e gratificante.

Outros aspectos que podem ser evidenciados são a utilização do diálogo como estratégia para a resolução de problemas e a satisfação na forma de condução do mesmo. Esses dados precisam ser analisados com cautela, pois eles não descrevem como o diálogo se dá, ou seja, não explicitam as variáveis envolvidas no seu estabelecimento e nem os efeitos produzidos. Seria pouco cuidadoso avaliar estes dados positivamente, até porque o uso da punição é uma estratégia de controle de comportamento utilizada pelos pais, apesar de já ter sido comprovada como inadequada para se atingir tal objetivo (SKINNER, 1998; SIDMAN, 1995).

Embora pareçam existir investimentos por parte dos pais, o que pode facilitar a comunicação com os filhos, parece faltar-lhes conhecimento e habilidades para uma análise efetiva das estratégias por eles selecionadas. Isso em parte acontece porque a Psicologia ainda é vista de maneira preconceituosa, seja na forma de elitização (somente quem tem dinheiro vai ao psicólogo para se “conhecer”), ou na forma de exclusão (só cuida de “doentes”). Não se conhece a Psicologia como uma ciência natural dedicada ao estudo amplo e complexo das interações do homem com seu meio, capaz de produzir tecnologias eficazes para melhor compreensão dos comportamentos humanos. Este ponto parece ser corroborado pelos dados obtidos referentes às estratégias utilizadas pelos pais na solução de problemas com seus filhos. Dentre as opções apresentadas, tem-se que pais FO buscam ajuda com médico, e pais FS, com psicólogos.

Vê-se assim que alternativas precisam ser viabilizadas e apresentadas. Para tanto, dois passos são considerados fundamentais:

1º fornecer informações para a sociedade (escolas, associações de bairro, grupos religiosos, dentre outros) sobre o campo de atuação e possibilidades da Psicologia enquanto ciência; e

2º facilitar o acesso da comunidade aos conhecimentos produzidos pela Análise do Comportamento.

É possível que com essas informações os pais possam analisar melhor as

idiossincrasias das realidades onde estão inseridos, o que muitas vezes os livros, revistas e outros meios disponíveis não têm viabilizado. A análise desses materiais tem revelado que eles oferecem um auxílio de efeito imediato, mas não suficiente para produzir mudanças duradouras que garantam uma melhor qualidade nas interações futuras com crianças e adolescentes.

A ênfase até aqui foi dada ao trabalho de conscientização e mudança de postura dos pais. No entanto, o objetivo maior é que, a longo prazo, os filhos destes pais, quando estiverem no exercício da maternidade e/ou paternidade, possam obter melhores resultados no que diz respeito às estratégias para manejo de comportamentos.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATO, P. R.; KEITH, B. *Parental divorce and well-being of children: a meta-analysis*. **Psychological Bulletin**. v.110, n.1, p.26-46, 1999.

FÉRES-CARNEIRO, T. *Família e saúde mental*. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. (Brasília), v.8, p.485-493, 1992.

GIUSTI, E. **A arte de separar-se**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MORAES, C. G. A. O papel do terapeuta na separação conjugal. In DELLITI, M. (Org.). **Sobre comportamento e cognição**. São Paulo: Ed. ArBytes, v.2, 1997.

ROCHA, M. M.; BRANDÃO; M. Z. S. A importância do auto conhecimento dos pais na análise e modificação de suas interações com os filhos. In: DELLITI, M. (Org.). **Sobre comportamento e cognição**. São Paulo: Ed. ArBytes, v.2, 1997.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Viva bem a velhice**. São Paulo: Summus, 1985.

TSCHANN, J. M. *et. al.* *Family and children's functioning during divorce*. **Journal of Marriage and Family**. v.51, n.2, p.431-444, 1989.

WAGNER, A.; FERREIRA, V. S.; RODRIGUES, M. I. M. *Estratégias educativas: uma perspectiva entre pais e filhos*. **Revista Psicologia Argumento**. AnoXVI, n.XXIII, out.1998.

ZAGURY, T. **Sem padecer no paraíso**. São Paulo: Record, 1991.